

O BRICOLEUR COMO TECITURA DE SABERES DOS POVOS DA AMAZÔNIA

Adson Manoel Bulhões da Silva
Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia – UFAM
E-mail: adsongepos@gmail.com

RESUMO

Este trabalho repousa no estudo sobre os saberes dos povos da floresta amazônica, região norte do país, visando demonstrar que o pensamento desses povos não se caracteriza como introdutório, um esboço e muito menos como parte de um todo ainda por fazer. Ao contrário, se constitui um sistema bem articulado e independente da ciência. Por meio da pesquisa bibliográfica, este escrito encontra-se articulado em meio à conversação com diversos pensadores, proporcionando densidade de análise, e apresentando-se como uma forma estratégica de abordagem sobre a natureza e a vida. Esses saberes são construídos de maneira sistematizada, mediante a utilização de um método que produz resultados teóricos e práticos, com base nos princípios do *bricoleur*, e, especialmente, elaborados no movimento de uma maior intimidade do ser humano com a natureza, o qual será denominado de *bricoleur* florestal. Por serem essencialmente criativos e resistentes à dilaceração milenar de sua cultura, estão sempre prontos para recomeçar os seus voos pelos saber de limiares.

Palavras-chaves: Povos da Floresta; Saberes; *Bricoleur*; Cultura e Natureza.

THE BRICOLEUR AS A WEAVING OF KNOWLEDGE OF THE PEOPLE OF THE AMAZON

ABSTRACT

This work rests on the study of the knowledge of the peoples of the Amazon rainforest, in the northern region of the country, aiming to demonstrate that the thinking of these peoples is not characterized as introductory, a sketch and much less as part of a whole yet to be done. On the contrary, a well-articulated system is constituted, independent of science. Through bibliographical research, this writing is articulated in the midst of conversation with several thinkers, providing analysis density, and presenting itself as a strategic way of approaching nature and life. This knowledge is built in a systematic way, using a method that produces theoretical and practical results, based on bricoleur principles, and, especially, elaborated in the movement of a greater intimacy of the human being with nature, which will be called forest bricoleur. Because they are essentially creative and resistant to the age-old torn apart of their culture, they are always ready to restart their flights through threshold knowledge.

Keywords: Forest Peoples; Knowledge; Bricoleur; Culture and Nature.

INTRODUÇÃO

Este estudo assenta-se na análise fenomenológica dos saberes tradicionais dos povos da Amazônia, realçando seu sentido simbólico, pondo-os no pináculo da

relação entre humano e a tríade terra, floresta e água. Esses elementos naturais são revestidos de simbolismo, consubstanciando o imaginário dos povos ancestrais da região.

Nessa perspectiva, damos vazão ao imaginário dos povos ancestrais pelo afluente da relação que esses povos possuem com a tríade terra, floresta e água. Esta é, pois, uma relação de ancestralidade, cuidado e respeito com aquela que em suas cosmologias deixa de ser algo inanimado, e passa a ser um organismo vivo, tornando-se a pele da floresta, que transita na imanência e na transcendência e se situa no limiar da vida humana e não-humana.

Na Amazônia, os saberes tradicionais emergem-se como uma forma de explicação para a complexa formação do universo verdejante constituído por diversas manifestações orais que traduzem as cosmovisões dos povos da floresta. Nessa perspectiva, faz-se necessário evidenciar os saberes tradicionais como parte da história da humanidade desde as primeiras visões de que se tem conhecimento.

Na Amazônia, o universo mítico, e sua poética do imaginário, se confluem e se materializam em um tecido poético, em que a natureza é protagonista por vias da terra, da floresta e dos rios, criando uma metamorfose constituída a partir da sua malha de sustentação da vida, forjando sua própria realidade, transfigurando o real e o fabuloso, num mundo habitado por seres encantados, que emanam forças genuínas de sua representação cultural.

Por via da perspectiva do imaginário dos povos da floresta revela uma Amazônia devaneante em comunhão com a atitude poética da apreciação, da energia telúrica e as formas da imagética, desta conexão cósmica, surgem os seres encantados, como deuses submersos no rio ou embrenhados na mata.

OS SABERES TRADICIONAIS E A DESCOLONIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Refletir sobre os saberes dos povos da Amazônia é navegar em sua complexidade, é mergulhar nas profundezas das narrativas, dos mitos, dos encantados, das encantarias, das mulheres e homens da floresta e das águas, que, a seu modo, tecem suas trajetórias de vida e atividades, num eterno devir. Nessa região, o poético ainda resiste à sobreposição do tecnicismo. A poética viceja nas narrativas, nas histórias contadas pelos mais velhos, nos contos, nos *causos*, mitos e toda espécie de relatos selvagens e eróticos, como é o caso de Macunaíma, que veremos mais à frente.

Se formos pensar a Amazônia a partir do complexo, vamos perceber que ela é um tecido formado por componentes tão diversos e díspares, conectados de maneira interdependente, onde a parte está no todo e o todo está nas partes. Santos (2006), sugere a construção e elaboração de uma epistemologia do Sul, de maneira que o conhecimento seja elaborado com base na visão dos povos locais, saindo da colonização do racionalismo ocidental. Estamos nos referindo às perspectivas dos saberes ecológicos que possam permitir o reconhecimento de outros sistemas de pensamentos alternativos à ciência moderna ou que, com ela, se articulem novas configurações de saberes.

A ecologia de saberes pode ser um caminho viável para se pensar os processos históricos que se desenrolam na Amazônia, em sua dinâmica de sociodiversidade cultural, prescindindo do aspecto canônico que concebe a região de forma plana e linear. A Amazônia é bifurcada, idiossincrática, engendra tortuosidades, errâncias, falácias discursivas, é uma invenção interpretativa sob o olhar exógeno.

O sistema de negação dos saberes tradicionais, elaborado e mantido por uma racionalidade hegemônica se encarregou de estabelecer o asilo entre ciência e saberes tradicionais, numa flagrante ação de *epistemicídio* apontando por esse mesmo autor. Esse sistema de exclusão, com efeito, é mantido sob algumas normas e/ou dispositivos de poder. A primeira norma de exclusão diz respeito ao impedimento de construção de um pensamento próprio, local, configurado numa interdição. Ocorreu desta forma, a interdição dos povos locais ou dos colonizados.

E, para manter esse sistema de exclusão, o Ocidente tende a inferiorizar o Outro por meio da violência física e cognitiva ou epistêmica. Nessa perspectiva, o mais claro exemplo de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo, de se construir o sujeito colonial como o *Outro*, ou seja, aqueles que contribuem para a inferiorização dos subalternos.

Essa interdição do outro construído pelo pensamento ocidental, principalmente no que diz respeito ao binarismo, verdadeiro e falso, são sombras que se abatem sobre o conhecimento, produzindo obscuridades sobre uma sociologia das ausências¹. É preciso, pois, lançarmos raios de luz sobre as novas formas de fazer ciência no sentido de construirmos a nossa própria teoria do conhecimento, longe da

¹ Ver Santos. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência, (2000).

segregação e coisificação dos saberes tradicionais rastreados pela perspectiva hegemônica e excludente.

Esse tipo de conhecimento pretendeu dominar a natureza deixando-a na obscuridade, obliterando a sua imaginação criadora, relegando-a ao mundo do não conhecimento. Essa dicotomia entre ciência e saberes não tem validade em virtude de o homem devanejar, enquanto pensa, e pensar enquanto devaneia. Neste sentido, o imaginário torna-se terreno fértil para pesquisas, posto que, criar, intuir, imaginar e dar lugar ao inexistente são atos dinâmicos do sujeito, seja na ciência ou pela cultura. Por isso mesmo, não se trata mais de saber qual é a perspectiva mais correta, mas sim, quais os enlaces e entrelaces que elas possuem e revelam os saberes por debaixo das cascas, das concepções fabricadas e vazias, em uma realidade tão complexa como a nossa.

Observe-se que nessa forma de pensamento há uma crítica à ciência moderna, aquela das concepções fabricadas e vazias, ascéticas e desprovidas de sentido simbólico e poético. É preciso fazer comunicar dialogicamente razão e imaginário, justamente, por se tratarem de esferas psíquicas, complementares de uma nova racionalidade humana.

A tradição filosófica dos estudos sobre a imaginação é tão antiga no Ocidente quanto o problema filosófico acerca do conhecimento. Bachelard (2008), em toda a sua obra poética rompe com essa tradição de vincular a imaginação só ao mundo científico, segundo o qual a imagem é apreendida não como construção subjetiva sensório-intelectual, como representação fantasmática, mas como acontecimento objetivo, integrante de uma imagética, um evento da linguagem.

Esses estudos sobre o imaginário desvelam um novo espírito científico, cujos referenciais epistemológicos não se referem mais à rigidez do método e o conhecimento passa a ser sempre a reforma de uma ilusão, isto é, vê o imaginário como princípio propulsor, não só da criação artística, como também das descobertas científicas. Dimensões que durante muito tempo foram tidas como antagônicas pelo edifício cartesiano, agora se aconchegam ao ponto de percebermos o quão são, na verdade, complementares, haja vista que, se a *nova*² perspectiva do conhecimento encontra-se aberta ao trânsito entre o visível e o invisível, o epistêmico se nutre dessa

² Nesta reflexão fazemos referência ao termo utilizado como indicador dos saberes dos povos tradicionais como uma terceira via, um componente ativo da terceira cultura, resultado da minimização das diferenças culturais e da valorização dos diferentes saberes. Ver Snow (1995).

ambivalência por meio de uma dialogia transdisciplinar, geradora de um novo conhecer.

Na Amazônia, o avanço do processo civilizador não tolheu os povos originários de cultivar seus saberes tradicionais, não os tornaram cativos do mundo objetivo unicamente. Há nas ações e reflexões do homem e da mulher amazônicos espaço para a absorção dos ensinamentos dos antepassados presentes nas lições das águas, matas, gentes e entes, e é sob esse estatuto que seus moradores se criam e recriam numa *autopoiesis*, tecendo e vivendo uma realidade, conforme sua imaginação e criação imagética, motor propulsor da geração de mitos, símbolos e tradições.

Perceba-se que os saberes tradicionais pressupõem uma nova maneira de conhecer, uma forma de encarar o mundo de forma menos rígida e excludente, ou tratamo-lo de recriá-lo, reencantá-lo, ou esta ação só será possível com uma mudança de atitude em relação a uma nova forma de pensar. Nesse sentido, a Amazônia se apresenta como um ateliê de saberes que subverte os antigos mapas do pensamento tradicional, base de uma epistemologia estrutural, assumindo uma dinâmica dissonante do pensamento único. A Amazônia é dissidente e engendra novas rotas em seus devires, descolonizando o pensamento a partir de desvios rizomáticos e trágicos³.

O BRICOLEUR DOS SABERES DOS POVOS DA FLORESTA

Os saberes tradicionais representam uma via de análise não superposta ou subposta ao conhecimento científico cartesiano, mas um tipo de saber que possui um método próprio de elaboração do conhecimento. Baseia-se num processo de observação, repetição, experimentação e comprovação, conforme o jeito desses povos de prestarem atenção à vida. Sendo assim, não devemos opô-los, mas colocá-los em paralelas, pois ambos – saber científico e saber dos povos da floresta - representam duas formas de conhecimentos característicos no que diz respeito aos seus resultados teóricos e práticos.

³ Uma forma de pensar e agir capaz de acolher a vida na integridade de seus aspectos, incluindo o que nela existe de sombrio e luminoso, de alegre e doloroso, de desfalecimento e exaltação. O Trágico é marcado pela autenticidade e pela recusa de uma postura estigmatizada pela influência da superficialidade e da negação das pulsões da vida.

Os resultados dos saberes da floresta se assemelham aos processos do *bricoleur*, que têm resistido às intempéries do tempo devido aos seus componentes baseados na criatividade, na intuição e nas inovações. Bricolando sempre as técnicas, os “arremessos idílicos” da vida e do tempo, mediante o jogo do saber viver, fazem emergir das entranhas do desconhecido e da experimentação o movimento de produção do conhecimento.

O saber *bricoleur* expressa com poesia o *modus operandi* de cada povo. Seu conteúdo inscreve-se na história da vida de forma espontânea, sem preocupações com elaborações de planos preconcebidos, atendo-se aos instrumentos que lhe são ofertados pelos fragmentos da terra, do mundo e do cosmos, reunindo-os num mesmo diapasão, numa mesma fala.

A *bricolagem* se faz e se refaz de acordo com as oportunidades e contingências que lhes servem de alimento para renovações constantes de idas e vindas. Aí está presente a imagem daquele minuto, a imagem como dádiva de uma consciência que dispensa um prévio saber, embora leve em conta o conhecimento recebido das gerações anteriores, para recebê-la com despojamento de quem se defronta com algo inteiramente original, primeiro, na fruição prazerosa de quem bebe direto na fonte com uma alma que sabe perceber a sua presença.

O *bricoleur*, afirma Lévi-Strauss (1989), trabalha com uma coleção de resíduos e fragmentos de obras humanas como um subconjunto da cultura, operando através de signos. Por meio dessa condição, coloca-se à espreita de mensagens pré-transmitidas e que são colecionadas por ele no intuito de encarar situações novas. O processo de *bricolagem* cria formas de analogias e aproximações com o passado já conhecido e o presente, que levam a arranjos novos, que desembocarão em resultados também novos, sem, no entanto, terminá-lo, provocando nesse movimento um “acaso objetivo” dotado de poesia, a “poesia do *bricolage*”. Ele não se restringe a cumprir ou executar ideias preconcebidas, mas a falar com as coisas e através delas, absorvendo-as e deixando em cada uma um pouco de si. Não se aprisionando aos fatos e experiências, torna-se, na verdade, um libertador de ideias, de sentidos.

A *bricolagem* do conhecimento nasce da experiência vivida enquanto um momento de possibilidades ou um instante poético que, ao “[...] desfocar a fixidez do olhar para melhor enxergar a imensidão desconhecida” (KNOBBE, 2003, p. 167), promove a liberação do trabalho do criador para compreender a diversidade e as surpresas. Faz uso de resíduos que possibilitam a obtenção de rearranjos e

reorganizações, de maneira a traduzir a natureza e, principalmente, contribuir para o seu processo organizativo. Nesse contexto, os *bricoleurs* se entendem como sujeitos humanos em sua relação com o real. A sua consciência individual matura-se com a consciência social, natural e do todo, contribuindo, dessa forma, para uma religação entre a humanidade, a sociedade e o mundo natural, juntando-os numa mesma unidade para tecer um ser planetário.

Figura 01: transmutação natural



Fonte: Lobsang, Acrílico sobre tela, 2021.

Estamos diante de uma representação da teia da vida. Trata-se de uma espécie de *micélio*⁴, de saber que consegue não somente compreender a complexidade da natureza, mas, principalmente, sentir-se, de fato, um elemento constituidor dela. Por isso, tem facilidade para auscultar os sons da vida, observar os hábitos de cada animal, a floração de cada árvore e definir, mediante o paladar, a singularidade de cada espécie florística.

Essas pessoas têm, enfim, facilidade para prestar atenção à melodia dos movimentos, regidos pelo diálogo entre os domínios da natureza e da cultura. Um texto de Daniel Munduruku mostra as mensagens deixadas no espaço pelo voo e pelo canto dos pássaros. Eles transmitem mil despertares que soam no céu. O conteúdo

⁴ É uma parte do cogumelo que se expande abaixo do solo criando uma rede de conexão entre todas as espécies vegetais, algo assim como a rede da internet, que lhes permite não só se comunicar, mas também cuidar, se proteger, se alimentar e abastecer-se de água. Quando uma árvore da floresta se abate, este micélio comunica ao restante das árvores que uma delas está agonizando, e os outros, através do micélio, começam a cuidar do tronco que resta para tentar salvar essa vida. Eles alimentam, dão-lhe água e a protegem. Pois, esse tronco moribundo faz parte da família da floresta.

dessas mensagens fustiga presságios a serem sentidos e interpretados pela aguçada sensibilidade do olhar e do ouvir, e mostra que a terra, o homem e o ar estão unidos num voo onde o finito e o infinito se encontram, em um momento que faz nascer e renascer a sonoridade de um verso:

Estes pássaros estão dizendo duas coisas. Primeira: mais tarde vai chover, segunda: aconteceu algum fato triste por aqui. Daqui a pouco iremos saber o que é, pois estamos chegando na aldeia terra Preta[...]. A gente acredita que os pássaros são mensageiros dos espíritos do tempo. Eles são capazes de ver além do que vemos e sempre nos falam o que vai acontecer... O voo deles é como uma escrita, um texto que a gente vai aprender a ler [...] e todos os pássaros são mensageiros? Não, apenas aqueles que voam alto (MUNDURUKU, 2004, p. 42).

Munduruku (2004) assinala que apenas aquelas aves possuidoras de costumes que são percebidos facilmente fazem parte desse sistema e, por isso, prestam a um simbolismo antropomórfico fácil de ser reconhecido, por meio de traços combináveis entre si, a fim de criar as mensagens mais complexas. Mas, para entender as mensagens, faz-se necessário estar atento à sua magia, apenas possível de ser percebida por uma forma de prestar atenção à vida própria daqueles que consideram que tudo o que existe possui um significado que alimenta a teia da vida. É preciso ouvir, portanto, com o coração, pois nenhum pássaro voa em vão. As aves trazem sempre uma mensagem do lugar onde todos se encontrarão.

No exercício da construção da vida e dos saberes, esses humanos ressignificam o caminho utilizado, o método, como um *Motirô* de diálogos, interligando sempre a cultura e a natureza, a ação e a teoria, o sujeito cognoscente e a realidade em que ele se encontra, sem perder de vista que o método regenera a teoria, que, por sua vez é regenerado por ele, num diálogo incansável e dinâmico. Essa forma de conhecimento é uma “[...] práxis fenomenal subjetiva e concreta, que precisa da geratividade” (MORIN, 2000, p. 68).

O olhar dos fiandeiros da floresta indica, portanto, uma pluralidade de caminhos a seguir para a aquisição do conhecimento, mostrando que a conjunção entre os domínios da natureza e da cultura enlaça a vida como um todo, num diálogo delicado e soberano. Sob a sua sintonia, os seres humanos são levados a prestar atenção a todos os fenômenos, para compreendê-los como princípios da unidade do processo de reorganização permanente dos seres vivos, que é sempre surpreendido pelo novo, o inesperado. Portanto, qualquer pergunta que se faça à vida tem que levar em

consideração as sempre presentes zonas de ambiguidade e as brechas da incerteza, um processo de Saber de Limiares.

Os saberes, a cultura, da floresta são resultados dessa comunhão e da postura sempre atenta aos imprevistos. Cada movimento de bifurcação da natureza, representada por pequenas diferenças, flutuações aparentemente insignificantes, pode propiciar circunstâncias oportunas, invadir todo o sistema cognitivo e engendrar um regime funcionalmente novo. Esses saberes surgem da relação especial com a natureza e a sua transmissão ocorre em paralelo à reprodução social.

Tratando-se de Amazônia, como chão e teia de saberes, é dissonante e complexa. Sempre foi vista como alegórica, fantasmagórica, uma região exótica, fundamentada nas experiências das ancestralidades, não pela escrita, mas pela inscrita, com uma voz autoral que ecoa da floresta, dos pés daqueles que a conhecem como os estreitos furos na mata, e que os levam para seu destino, os indígenas, donos destas terras. Esses nativos que facilmente se entranham e se entregam aos encantos remanseados nos banheiros sedutores dos majestosos rios da Amazônia. Espaço de magia onde o invisível se mostra e se retrai num suave e sereno desengonço, que nos permite fazer a grande viagem pelo tempo e pelo não-tempo de seu povo.

É comum a cada viagem daqueles que vivem na região, pedirem permissão à mãe natureza para navegar pelos banheiros, ora inquietos, ora tranquilos, do soberano rio. O majestoso rio Amazonas, valioso para a vida do planeta, o mesmo que entrelaça a floresta amazônica nos labirínticos igapós, paranãs, restingas, nos espelhos d'água, na dialogia entre o real, o irreal e o surreal, é o doce e perigoso rio da Amazônia. Torres (2015, p. 07) assinala que “os rios da Amazônia são pedra de toque inexcedíveis da sociabilidade, um anelo que dá conta do varar da vida”. Os rios não só têm uma função social nesta região, como também exercem poder de domínio espiritual sobre seus habitantes. Ao pulsar, ele engendra vida e magia na região, o que fascina o olhar daqueles que a contemplam.

No horizonte dessa visão de conhecimento hegemônico, os saberes que se situam fora da órbita desse pensamento vão se configurando como *não ser*, negação da tradição, da experiência, execração do senso comum, enfim, um tipo de pensamento que estabelece o processo civilizatório sob os nexos da exclusão. É assim que o território vai se configurando em instrumento de exercício de poder, passando ao largo dos saberes e modo de vida tradicional. Esse processo abre um hiato entre o homem e a natureza, numa relação de dominação e subserviência.

Nesse tecido de saberes há uma conexão com a teia da vida da qual fazemos parte, uma sensação de estar junto com mãe terra, em constante conexão com a força criadora e que por meio da relação que temos com a natureza. Compreendemos, então, que ela gera, cura, transforma e alimenta, tudo está interligado por linhas cíclicas, elas são os caminhos ao longo dos quais a vida é vivida.

Esse processo de tecelagem da vida está sempre em dinamismo, por um caminho no qual os saberes e tradições dos povos da Amazônia são performados numa relação plena com a natureza, emergindo sentimentos como, empatia, alteridade ou até mesmo a própria ideia de alma da mata. Essas qualidades presentes na pujança da floresta lançam luzes sobre as relações que elas estabelecem com a natureza, incluindo o humano e a vida, de maneira geral. Esses elementos podem ser visualizados nas narrativas mitológicas dos povos indígenas que cultivam uma relação ancestral com a natureza, base primordial da organização política da comunidade. Isto é perceptível no mito do Grande Espírito⁵, do povo Tukano.

Nesse mito, Yepá Oãkhë, deidade criadora, teve um casal de filhos os quais ficaram responsáveis pela organização e condução da humanidade. O instrumento que representava o poder sobre a humanidade era a flauta sagrada, que por tradição foi entregue ao filho (trovão), o primogênito. O jovem herdeiro, imaturo e preguiçosamente, não valorizou a importante chave para sua soberania. Sua irmã, a força geradora feminina ou Grande Espírito da natureza, escutava atentamente os conselhos e orientações do pai, entendia o valor da flauta e conseguiu tomar posse dela. Durante muitas luas a humanidade prevaleceu sob a governança feminina.

Sob o leme dos saberes limiares da floresta o mundo era regido no compasso da música com disciplina, ordem e harmonia. Por ganância e inveja os homens lutaram por milhares de anos para tomar o domínio. Eles eram acomodados nos aspectos do manuseio da terra, do enfrentamento dos problemas difíceis, tanto complexos como dolorosos, num determinado dia, os homens conseguiram tomar da mulher a flauta sagrada. Através da embriaguez causada pelo preparo de bebida muito forte, a enganaram, deixaram para ela uma flauta falsa, roubando a verdadeira. A partir de então, foram progressivamente ameaçando-as pela força física, pela violência, agressividade, invasão, sequestro brutal, extrema ignorância. Era grande o medo da volta do domínio e da sabedoria da mulher, de seu místico trato com a terra,

⁵ Mito do Grande Espírito contado por Manoel Fernandes Moura – Tukano, Líder Tradicional Indígena da Amazônia Brasileira (10/08/1952 - 03/08/2014). Ver Pankararu, (2014).

seu poder de proliferação e transformação natural, guardiãs do mistério da criação, virtudes que dimensionam o esplendor do poder feminino.

Vimos na narrativa mítica do povo *Tukano* que o semblante feminino era responsável pela organização, harmonia e cuidado com a natureza, pelo fato de ela conhecer o mistério da criação, da vida e da morte, a força do espírito da natureza. A agricultura, o trato com a terra, reforça a concepção de espírito materno, pois ao plantar a semente, nasce uma nova vida, além de ser uma regeneradora. Esse pensamento possui uma visão holística da natureza, o mundo natural é um todo integrado a uma matriz comum, na qual nós e outros organismos somos partes. Isso nos encoraja a resgatar nossa verdadeira identidade, inserida nos círculos mais amplos da natureza, entendendo o mundo natural como extensão de nós mesmos, nosso eu estendido. Não há distinção entre o humano e o natural, tudo está interconectado na teia da vida.

No âmago da literatura indígena constam informações de que nessas sociedades foi atribuído à mulher, também, o dom da fertilidade, âmbito humano, como na agricultura, nas práticas ligadas à terra, aparecendo um forte vestígio de matriarcado ou da forte presença feminina também nessas sociedades. Por exemplo, entre os povos Timbiras e Chavantes, são as mulheres as responsáveis pelo plantio e coleta. Essas narrativas mitológicas revelam um universo teogônico matricial, que faz parte do cotidiano daqueles que moram no âmago da floresta. Esse universo é representado por via de uma literatura *menor*, termo de Deleuze e Guattari, para se referir a um tipo de conhecimento que nasce do *desvio*⁶ para ampliar os cinco sentidos.

As personagens míticas são figuras que remetem a um protagonismo e força feminina, destacando o poder de domínio, mistério e sedução das grandes deusas ou mães. No romance *Macunaíma*⁷ de Mário de Andrade, a personagem torna-se soberano do Mato Virgem somente após ter dominado *Ci*, Mãe do mato. Com a ajuda

⁶ A noção de desvio está vinculada a outros conceitos, como fora (Blanchot), dobra (Deleuze), passagem (Benjamin), que podem ser situados no mesmo campo semântico como termo que se remete a ampliação o seu alcance. Ver Deleuze (2012).

⁷ Personagem principal do livro publicado em 1928 pelo escritor brasileiro Mário de Andrade, considerado a sua obra-prima que narra a história do herói índio Macunaíma, índio da tribo Tapanhumas. Nasceu às margens do rio Uraricoera, na Amazônia, desde seu nascimento na selva até sua morte e transfiguração teve uma trajetória movimentada e aventureira. Ele recebe ajuda de seus irmãos e outros personagens, em busca de uma pedra mágica, o muiraquitã, que havia recebido de seu grande amor, *Ci*, a Mãe do Mato, mas que fora perdida e acabara em posse de Piaimã, um gigante comedor de gente que vivia como abastado burguês em São Paulo. Ver Andrade (2007).

Maanape e *Jiguê*, seus irmãos, Macunaíma consegue dominá-la e, assim, brinca⁸ com a índia. O ato sexual é acompanhado de risadas que vão num ritmo crescente, até chegar ao ápice do contentamento e da satisfação – da alegria e da relação prazerosa. As mulheres com quem Macunaíma se relaciona são as suas *bacantes*⁹ e junto com ele participam da festa do amor, do êxtase e da sedução; são portadoras do furor e do impulso sexual.

Para os indígenas, todas as espécies – animais, vegetais e minerais – deveriam ter uma Mãe. A origem ancestral de todas as mães recebe a denominação de *Cis*, nela se encontram a *Mãe do Mato*, a *Boiúna Mãe*, a *Mãe Veí*, e a *Mãe de Deus*. Uma das mais conhecidas mães é a Mãe d'água, popularmente conhecida na região amazônica como *lara*, meio mulher, meio peixe, que canta quando quer atrair um homem, sendo que o homem sempre acaba morrendo afogado. Na narrativa, há uma variação de nomes, a *lara* é tratada pelo nome de *Uiara*, que tenta seduzir Macunaíma. Entretanto, o indígena, pela sua concepção teogônica, não podia admitir a sedução sexual nas *Cis*, as mães, origem de tudo.

Nessa narrativa o mito da Mãe d'Água expõe a complexidade da vida amazônica, a interligação dos seres humanos e não humanos na teia da vida, nos remetendo à compreensão de uma ecologia profunda, aquela que não separa seres humanos ou qualquer outra coisa do meio ambiente natural. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos, sendo os seres humanos apenas um condutor da teia da vida.

Nesse intercuro com a natureza, elegendo o amor e a vida como elementos fundamentais ao processo de construção do seu conhecimento, os povos da floresta fazem do ato de conhecer e criar uma arte, cuja cadência leva-os à condição de *Bricoleur* florestal, isto é, saberes que traduzem uma “experiência da consciência”, permitida pela repetição e comprovação criativa dos fatos, capaz de possibilitar a

⁸ O verbo “brincar” é utilizado na obra com o sentido de ter relações sexuais.

⁹ São sacerdotisas do Deus Baco. Mulher de postura lascívia e de costumes dissolutos. As bacantes são personagens protagônicas na tragédia grega de autoria de Eurípedes de Salamina. A peça foi representada pela primeira vez em 405 a.C., na Macedônia. Representa a atmosfera da história mitológica, repleta de figuras fortes. O fato de Zeus costurar o feto Dioniso em sua própria coxa até que ele crescesse, com o fim de escondê-lo de Hera. Já Dioniso vingava-se daqueles que negavam seu caráter divino e pelo injusto descrédito em que pairava o nome de sua mãe, Sêmele, sobretudo seu primo Penteu (rei de Tebas) e sua tia Agave. Disfarçado como um forasteiro e reunidas as Bacantes, as usa para se vingar de seus desafetos. Ver Eurípedes, *As bacantes*, (2010).

espiral da vida fluir, ao mesmo tempo em que se torna o sujeito do verbo maravilhar-se.

Os reflexos desse saberes, dessa cultura, operados através do transe, da arte e da criatividade, alumados pela ecologia de saberes, nos conduziram ao âmago dos mistérios da gruta da vida, para fazer-se renascer, visualizar-se. O sentido desse itinerário foi como adentrar no ventre da Mãe-Terra em um ritual de iniciação de renascimento, uns desmembrar “das entranhas da Mãe-Terra, das maravilhas dos conhecimentos, dos focos de luz em meio as regiões da escuridão” (SHELDRAKE, 1990, p. 26).

Essas outras formas de saberes contribuem para que nos aproximemos da dimensão dos mistérios de nossa alma, da nossa espécie e cultura, do desnudamento da problemática que entorpece a separação entre os domínios da vida. Em consequência, poderão também dar-nos pistas para que nos tornemos mais humanos. E, assim, possamos repensar a nossa condição de meros "ciscadores", ensinando-nos a solfejar o típico banzeiro das águias para voarmos nos entremeios dos nossos labirintos e ao encontro de infindáveis reflexões. Por exemplo, sobre o sentido do abraço; sobre a sabedoria das grutas, como metáfora da condição humana; sobre o medo e as dimensões fecundas existentes no limiar entre felicidade e infelicidade.

O *Bricoleur* florestal é visto como promotor de consciência ecológica, que identifica o papel do ser humano como referência por meio de suas práticas ecologicamente racionais, no sentido de promover uma vida sustentável de modo geral. Nessa perspectiva, esse saber pode colaborar com o conhecimento científico para apontar ingredientes necessários à reforma do pensamento ocidental, oferecendo elementos para a criação de posturas que reúnam, numa mesma sintonia, o faro, a sagacidade, a sensibilidade, a leveza espiritual e a precisão.

Esses saberes considerados menores demonstram que, de fato, a ciência moderna não é a única alternativa de pensamento. Ela não deve cuidar sozinha da condição humana e enfrentar os grandes desafios de nossa época. A sabedoria milenar contém a essência da comunhão da dualidade entre o cru e o cozido (natureza e cultura), como elemento fundamental ao alimento da vida. Por isso, talvez, esteja nos apontando sempre rumos a seguir, quer no campo da sustentabilidade ecológica; da riqueza curativa das plantas; das vazantes e enchentes dos rios; dos cantos dos pássaros; dos nascimentos dos animais e das flores, como anúncio dos ciclos dos tempos da chuva, do verão e das estações; da espiritualidade e, especialmente, do

processo de proximidade com o domínio natural, mediado por uma escuta sensível e com atitudes criativas que constituem a arte do *Bricoleur*.

Nesse processo, o conhecimento está em constante deslocamento e movimento e se constrói no devir do mundo, é desterritorializado, opera em conexão com os saberes, dobros e fluxos advindos das experiências vivenciadas. Essa perspectiva permite desvendar os segredos da fauna, da flora, dos rios e da relação entre estes e o humano. Não significa apenas identificar o número de plantas, pássaros, mamíferos, insetos, mas, através da observação e experimentação rigorosa, perceber e ouvir a voz da natureza no seu conjunto para melhor dialogar com ela. A profunda familiaridade com o meio botânico em comunhão com uma observação minuciosa permite ter conhecimentos exatos, pautados em pesquisas exaustivas, que envolvem raciocínio, especulação e intuição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abrir discussão aos saberes dos povos da Amazônia, supõe ir além das concepções antropocêntricas, exige compreensão da teia de entrelaçamento entre o humano e a natureza, consubstanciada na tríade terra/floresta/água. Esta concepção é nucleadora das pesquisas na Amazônia, não só no âmbito dos estudos da antropologia do sensível, que vem há algum tempo buscando dar visibilidade aos povos da região, mas também na relação sociedade/natureza/cultura e a vida humana.

O Saber *Bricoleur* encontra no recinto amazônico uma vigorosa expressão simbólica, já que nesse imensurável manto verdejante se bordam inimagináveis formas de vida, ornando sua existência, entrelaçando e conectando seus caminhos, dando feitiço ao tecido universal. Não obstante, o *Bricoleur florestal* não possui morada definitiva nesse cenário, isto é praticamente irrealizável, pois ela habita intensamente todos os lugares, porque o seu fadário é delinear o fluxo e o sustento da vida planetária.

O universo imaginário e afetual da Amazônia nos fez entendê-lo como tecido composto por linhas de multiplicidade, onde se desenvolve um vínculo sentimental com a terra, a floresta e as águas, engendrando experiências que marcam profundamente o jeito de viver e ser-no-mundo. No manto amazônico, vidas fluem no ritmo do banzeiro das águas, verdadeiras 'veredas' que conduzem de um lugar a outros sonhos e histórias próprios da vida humana, que nesta região é orquestrada

pelos encontros e desencontros que ocorrem entre o corpo e as energias emanadas da alma.

A aura amazônica é, cravejada por uma subjetividade noturna e lunar, com afetos e imagens que simplesmente não podem ser deixadas de lado. Os saberes dos povos da Amazônia nos ajudam a tecer linhas entrecruzadas entre o sistema simbólico e suas relações com os sistemas culturais e biológicos, reconhecendo a relação criativa e essencialmente *poiética* entre os elementos naturais e a vida humana. Há na cultura dos povos ancestrais da região uma relação mítica, sagrada e maternal com a terra, a floresta e as águas dos rios, semblantes da Grande-Mãe, a *Pachamama*, a protetora e reguladora de tudo que habita em seu corpo de forma visível e invisível.

Essa investigação foi conduzida nas diferentes áreas do conhecimento humano como Filosofia, História, Antropologia e Artes, de forma interdisciplinar, transcendendo sua visibilidade revelando vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva, sejam elas culturais ou não. A proposta interdisciplinar nos permitiu entender que a região amazônica emerge como um campo fértil de subjetividade imaginativa capaz de cintilar os estudos sobre os saberes dos povos da floresta amazônica em suas dimensões de descontinuidade, bifurcação, acaso, desvio e polifonia.

Dessa expressão cultural dos povos da floresta emerge uma relação afetuosa entre a vida humana e não-humana, uma conexão mística e mítica, que só é possível compreendermos se recorrermos à imaginação que, por força de um exercício racional, unindo em si mito e realidade, realidade e ciência, numa linguagem que comunga a ciência e os saberes, a imanência e a transcendência, tudo num dado momento de um contínuo velar e desvelar de uma limiaridade dos saberes ancestrais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2.ed., 2008.

DELEUZE, Gilles; FELIX, Guattari. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, vol. 4, 2. ed., 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução: Tânia Pellegrini, Campinas: Papirus, 1989.

KNOBBE, M. M. **Ciclos e metamorfoses: uma experiência de reforma universitária**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

MUNDURUKU, Daniel. **Sabedoria das águas**. São Paulo: Global, 2004.

SHELDRAKE, Rupert. **O renascimento da natureza**: o reflorescimento da ciência e de Deus. Tradução: Maria de Lourdes Eichenberger; Newton Roberval Eichenberger. São Paulo: Cultrix, 1991.

SNOW, C.P. **As duas culturas e uma segunda leitura**: uma versão ampliada das duas culturas e a revolução científica. Tradução: Geraldo de Souza; Renato Rezende Neto. São Paulo: Editora da USP, 1995.

LOBSANG. **Transmutação natural**. 2021. Pintura, acrílico sobre tela, 160 x 220 x 5 cm. Disponível em: <https://feminismandreligion.com/2018/07/29/pachamama-august-1st-a-day-to-honour-the-great-mother-goddess/>. Acesso em: 8 de junho de 2022.

TORRES, Iraildes Caldas. (Org.). **Entrelaçamento de gênero na Amazônia**. Manaus: Valer, 2015.